

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 02/09/2013

Título : Amigas

Categoria: Contos

Descrição: Este é um conto onde procuro retratar a força das relações de amizade. Às vezes, coisas inesperadas acontecem...

### Amigas

Encontrei Vera na rua. Quase passei, quando ela me abordou com um: "Ué! Não conheces mais as amigas?". Não era mais ela, mas um arremedo dela.

Vera era aquele tipo que chega e arrasa, a começar pelo jeito de andar, confiante, seguro. A segunda impressão marcava também, que era o rastro de perfume e o farfalhar de tecidos, pulseiras, toc-toc de saltos. Aquela da rua, na sua frente, não era mais ela.

Vera não apresentava cheiro, nem viço, nem beleza, nem vida. O abraço foi algo frouxo, quase acanhado e eu perguntei: "E as crianças?", ao que ela respondeu: "Todos moços, de crianças não têm mais nada. O menino mora com o pai e a menina comigo."

Não tive coragem de perguntar sobre a separação, mas percebi que Vera estava louca pra contar tudo. Ficamos muitos minutos conversando na esquina e eu soube do imenso sofrimento que aquela mulher, outrora tão linda, estava enfrentando. Ser trocada por outra mulher fora demais, para quem acreditara na solidez do casamento de tantos anos. "Vinte e cinco anos de casamento" foi algo repetido exaustivamente durante aquela conversa, assim como "eu sempre fiz tudo o que tinha que ser feito e veja o que aconteceu."

Quando eu já estava supostamente inteirada do assunto, eis que chega Marina, uma amiga que eu não via há muito. Ela foi se aproximando com aquele jeito manso e educado, me cumprimentou, aceitou ser apresentada a Vera e quando percebi, eu já estava sobrando.

Dias depois eu soube da tentativa de suicídio por parte de Vera e, surpresa, quem me avisou foi Marina, não sem justificar com palavras doces, o gesto extremo de Vera. Ela havia tomado todos os remédios que estavam à mão. Quem socorreu Vera foi Marina.

Fui ao hospital à tarde e já não encontrei Vera internada, motivo pelo qual a procurei em casa. A porta foi aberta por Marina, que, falando baixinho, disse que fôssemos até a cozinha tomar um café.

Marina contou como havia sido encontrar Vera desacordada, depois de ter que arrombar a porta, com a ajuda do porteiro do prédio. Contou da noite inteira de telefonemas, mensagens não respondidas o que fez com que ela desconfiasse de alguma coisa.

## II

Conheci Marina durante um curso e sempre soube que era gay, que mantinha um relacionamento com uma mulher a quem amava muito. As duas moravam juntas há anos, compartilhavam suas vidas, suas despesas e a cama. A tranquilidade com que Marina conduzia sua vida, davam-me a certeza de que estava tudo bem.

Naquele dia em que fui à casa de Vera, Marina percebeu minha estranheza em vê-la tão envolvida com alguém que eu havia apresentado a ela poucos dias antes.

Sem que eu perguntasse, ela contou do rompimento muito gradual, devido à distância provocada por um emprego novo da sua companheira, que era em lugar muito distante. Marina era pobre, não conseguiu bancar as idas que seu afeto e seu corpo exigiam e os encontros foram rareando, até que se estabeleceu um silêncio frio e tudo caiu no nada. Da última vez em que se viram a companheira já estava apaixonada de novo e contou tudo a Marina com toda a franqueza e honestidade que marcou o relacionamento das duas desde sempre.

Percebi que Marina estava envolvida amorosamente com Vera, mas não estava segura do que poderia acontecer disso. Nunca tocara no assunto com Vera, isso ela me contou com temor.

Perguntou-me sobre o que fazer e eu não soube dizer nada, a não ser que tivesse paciência e aguardasse a recuperação de Vera.

Ouvimos um gemido vindo do quarto e fomos juntas, Marina e eu, ao encontro de Vera, que sentada na cama, tentava arranjar os cabelos e fechar os botões do pijama. Percebi logo que este era o primeiro momento de lucidez de verdade desde a tentativa de suicídio. Ao me ver, Vera começou a chorar de mansinho, sem forças, perguntou sobre a filha, ao que Marina informou que estaria com o pai. O olhar que lançou a Marina foi de confiança, de entrega e de uma atitude canina de agradecimento. Temi que ela lambesse a mão da amiga.

Conseguimos Marina e eu, levar Vera ao banheiro, sentá-la sob o chuveiro e começar a tarefa de tirar de cima dela algo que me parecia sólido, sujo, pegajoso, infeliz, desesperado. Exageramos no shampoo, no condicionador, esfregamos suas costas com muita espuma e Marina passou uma esponja macia pelo corpo de Vera com tal ternura, como eu nunca havia visto alguém fazer com um adulto, só com filhos bem pequenos, com bebês.

Deixei que Marina secasse Vera e eu me encarreguei de envolvê-la em um roupão. Conseguimos fazer com que tomasse um café com bolo, sentada com nós duas na sala. A tarde passou e eu estava preocupada em deixar Vera sozinha, já que a filha estava com o pai. Perguntei a Vera se ela esperaria que eu fosse buscar algumas roupas e material de higiene e imediatamente Marina afirmou que já estava tudo arranjado, que ela ficaria ali e isso era definitivo.

Olhei para Vera, como a perguntar-lhe o que fazer e o que percebi foi uma alegria tímida por contar com Marina naquele momento. Fui para casa apressada, pois havia gente me esperando e eu não era tão amiga assim de Vera e nem a via com muita frequência nos últimos anos. Tinha também o fato de que eu não tinha muita paciência com essas atitudes extremas por causa de homens. Sempre achei que ninguém merece a destruição de ninguém.

## III

Vera me procurou dois meses depois. Estava linda de novo, aliás, radiante. Veio agradecer por tudo o que eu havia feito por ela. “Mas eu não fiz nada, Vera.” Ela respondeu com os olhos cheios de lágrimas. “Você salvou a minha vida e trouxe felicidade a ela.” Então fiquei sabendo do que ocorrera nos últimos meses.

Marina ficara com Vera naquela noite em que saíra do hospital e ficaram conversando, enquanto ficavam de mãos dadas. Ao sinal de sono de Vera, ela foi levada cuidadosamente para a cama, teve os travesseiros arranjados conforme seu gosto, a cobertura colocada sobre seu corpo e sentiu pela primeira vez o perfume dos cabelos da amiga, quando ela se abaixou para beijar seu rosto. Sentiu o beijo como algo quente, macio, cheiroso e, sorrindo adormeceu.

A história foi sendo contada com uma aura de contentamento genuíno, de quem estava finalmente em paz consigo, de quem sabia finalmente o que era bom e adequado para si.

Na manhã seguinte Vera acordou diferente. As cobertas e os lençóis estavam com um cheiro diferente, o toque neles provocava algo como um arrepio de prazer. Espreguiçou-se sentindo o cheiro de café e, faminta sentou-se na cama. Aí entendeu por que o toque dos lençóis estava diferente. Ela havia dormido sem roupas, pela primeira vez na vida. O problema é que não lembrava de havê-las tirado, mas isso não importava. Importante era aquela plenitude, aquela sensação de cura, de quase felicidade.

Vera lembrou da mesa de café caprichada daquela manhã, lembrou do sorriso de Marina ao vê-la relaxada e tão linda e lembrou do calor do abraço que a amiga lhe deu.

Ao falar nisso, Vera chorou por muito tempo. Tive que esperar que os soluços parassem, que o choro se tornasse menos convulsivo, para tentar entender o que estava acontecendo. Vera finalmente se acalmou e falou mansamente sobre o que estava sentindo. Disse que pela primeira vez alguém havia cuidado de verdade dela. Falou das sensações que o carinho de Marina provocaram na sua pele, que nunca havia recebido um afago. Contou de como a proximidade do corpo de Marina a fez sentir-se viva, palpitante e plena.

Perguntei-lhe sobre seu ex-marido, de como ela se sentia quando casada, quando partilhavam a cama, quando faziam sexo. Se nunca havia sentido isso tudo que ela relatara, com ele. Ela pensou por um tempo e falou com toda convicção que não, nunca havia se sentido aconchegada, acarinhada, desejada.

Aí tive coragem de perguntar se o que ela percebia em Marina era desejo e ela disse que sim, que as duas conversaram sobre isso. Vera era agradecida, valorizada, ao passo que Marina ardia, queria tudo e não estava mais disposta a colocar Vera na cama e esperar que dormisse para beijá-la bem devagar e não acordá-la. Marina queria aquela mulher por inteiro, queria dormir com ela, acordar com ela. Menos do que isso não servia pra nada.

Vera já havia retomado o emprego, estava indo bem, comprara roupas novas e estava conseguindo conversar com os colegas. Havia dias em que mal lembrava do ex-marido. A filha ficara por mais um tempo na casa do pai e agora ela estava enfrentando um problema com aquela amiga tão boazinha, que salvara sua vida, que lhe dera tanto carinho, que despertara nela sensações desconhecidas, que serviram para que se conhecesse melhor. Aquela amiga estava se tornando invasiva, não saía de sua casa.

Havia dentro de Vera um plano para convencer a amiga de que deveriam dar um tempo na relação, que ainda não tinha um nome. Não era uma relação de verdade, pelo menos não para ela.

Quando Vera saiu lá de casa, não sem antes ouvir que tomasse cuidado com o que diria a Marina, que sentimentos devem ser respeitados, fiquei sentada por um tempão, pensando em como as coisas podem se precipitar e como, sem que a gente procure, há coisas que vêm parar no nosso colo.

Na manhã seguinte, depois de fazer e servir o café da manhã, peguei os jornais para dar uma lida rápida e eis que vejo a foto de Marina, bem grande, e a manchete: “Jornalista comete suicídio, jogando-se do prédio em que morava.” Dobrei os jornais bem devagar, pois tinha a sensação de que a cada dobrada, eu machucava aquela alma delicada que eu havia conhecido ligeiramente, mas que me havia revelado o que é ser gente de verdade.

Data : 20/01/2013

Título : Amigas

Categoria: Contos

Descrição: Este é um conto que revela sutilezas da alma feminina.

Amigas

Encontrei Vera na rua. Quase passei, quando ela me abordou com um; "Ué! Não conheces mais as amigas?". Não era mais ela, mas um arremedo dela.

Vera era aquele tipo que chega e arrasa, a começar pelo jeito de andar, confiante, seguro. A segunda impressão marcava também, que era o rastro de perfume e o farfalhar de tecidos, pulseiras, toc-toc de saltos. Aquela da rua não era mais ela.

Vera não apresentava cheiro, nem viço, nem beleza, nem vida. O abraço foi algo frouxo, quase acanhado e eu perguntei: "E as crianças?", ao que ela respondeu: "Todos moços, de crianças não têm mais nada. O menino mora com o pai e a menina comigo."

Surpresa, não tive coragem de perguntar sobre a separação, mas percebi que Vera estava louca pra contar tudo. Ficamos muitos minutos conversando na esquina e eu soube do imenso sofrimento que aquela mulher, outrora tão linda, estava enfrentando. Ser trocada por outra mulher fora demais, para quem acreditara na solidez do casamento de tantos anos. Vinte e cinco anos de casamento foi algo repetido exaustivamente durante aquela conversa, assim como a frase eu sempre fiz tudo o que tinha que ser feito e veja o que aconteceu.

Quando eu já estava supostamente inteirada do assunto, eis que chega Marina, uma amiga que não via há muito. Ela foi se aproximando com aquele jeito manso e educado, me cumprimentou, aceitou ser apresentada a Vera e quando percebi, eu já estava sobrando.

Dias depois eu soube da tentativa de suicídio por parte de Vera e, surpresa, quem me avisou foi Marina, não sem justificar com palavras doces o gesto extremo de Vera, tomando todos os remédios que estavam à mão. Quem socorreu Vera foi Marina.

Fui ao hospital à tarde e já não encontrei Vera internada, motivo pelo qual a procurei em casa. A porta foi aberta por Marina, que, falando baixinho, disse que fôssemos para a cozinha tomar um café.

Marina contou como havia sido encontrar Vera desacordada, depois de ter que arrombar a porta, com a ajuda do porteiro do prédio. Contou da noite inteira de telefonemas, mensagens não respondidas o que fez com que ela desconfiasse de alguma coisa.

II

Conheci Marina durante um curso e sempre soube que era gay, que mantinha um relacionamento com uma mulher a quem amava muito. As duas moravam juntas há anos, compartilhavam suas vidas, suas despesas e a cama. A tranquilidade com que Marina conduzia sua vida, davam-me a certeza de que estava tudo bem.

Naquele dia em que fui à casa de Vera, Marina percebeu minha estranheza em vê-la tão envolvida com alguém que eu havia apresentado a ela poucos dias antes.

Sem que eu perguntasse, ela contou do rompimento muito gradual, devido à distância provocada por um emprego novo da sua companheira, que era em lugar muito distante. Marina era pobre, não conseguiu bancar as idas que seu afeto e seu corpo exigiam e os encontros foram rareando, até que se estabeleceu um silêncio frio e tudo caiu no nada. Da última vez em que se viram, a companheira já estava apaixonada de novo e contou tudo a Marina com toda a franqueza e honestidade que marcou o relacionamento das duas desde sempre.

Percebi que Marina estava envolvida amorosamente com Vera, mas não estava segura do que poderia acontecer disso. Nunca tocara no assunto com Vera, isso ela me contou com temor. Perguntou-me sobre o que fazer e eu não soube dizer nada, a não ser que tivesse paciência e aguardasse a recuperação de Vera.

Ouvimos um gemido vindo do quarto e fomos juntas, Marina e eu, ao encontro de Vera, que sentada na cama, tentava arranjar os cabelos e fechar os botões do pijama. Percebi logo que este era o primeiro momento de lucidez de verdade desde a tentativa de suicídio. Ao me ver, Vera começou a chorar mansinho, sem forças, perguntou sobre a filha, ao que Marina informou que estaria com o pai. O olhar que lançou a Marina foi de confiança, de entrega e de uma atitude canina de agradecimento. Temi que ela lambesse a mão da amiga.

Conseguimos, Marina e eu, levar Vera ao banheiro, sentá-la sob o chuveiro e começar a tarefa de tirar de cima dela algo que me parecia sólido, sujo, pegajoso, infeliz, desesperado. Exageramos no shampoo, no condicionador, esfregamos suas costas com muita espuma e Marina passou

uma esponja macia pelo corpo de Vera com tal ternura, como eu nunca havia visto alguém fazer com um adulto, só com filhos bem pequenos, com bebês.

Deixei que Marina secasse Vera e eu me encarreguei de envolvê-la em um roupão. Conseguimos fazer com que tomasse um café com bolo, sentada com nós duas na sala. A tarde passou e eu estava preocupada em deixar Vera sozinha, já que a filha estava com o pai e perguntei a Vera se ela esperaria que eu fosse pra casa buscar algumas roupas e material de higiene. Imediatamente Marina afirmou que já estava tudo arranjado, que ela ficaria ali e isso era definitivo.

Olhei para Vera, como a perguntar-lhe o que fazer e o que percebi foi uma alegria tímida por contar com Marina naquele momento. Fui para casa apressada, pois havia gente me esperando e eu não era tão amiga assim de Vera e nem a via com muita frequência nos últimos anos. Tinha também o fato de que eu não tinha muita paciência com essas atitudes extremas por causa de homens. Sempre achei que ninguém merece a destruição de ninguém.

### III

Vera me procurou dois meses depois. Estava linda de novo, aliás, radiante. Veio agradecer por tudo o que eu havia feito por ela. “Mas eu não fiz nada, Vera.” Ela respondeu com os olhos cheios de lágrimas. “Você salvou a minha vida e trouxe felicidade a ela.” Então fiquei sabendo do que ocorrera nos últimos meses.

Marina ficara com Vera naquela noite em que saíra do hospital e ficaram conversando, enquanto ficavam de mãos dadas. Ao sinal de sono de Vera, ela foi levada cuidadosamente para a cama, teve os travesseiros arranjados conforme seu gosto, a coberta colocada sobre seu corpo e sentiu pela primeira vez o perfume dos cabelos da amiga, quando ela se abaixou para beijar seu rosto. Sentiu o beijo como algo quente, macio, cheiroso e, sorrindo adormeceu.

A história foi sendo contada com uma aura de contentamento genuíno, de quem estava finalmente em paz consigo, de quem sabia finalmente o que era bom e adequado no momento. Na manhã seguinte Vera acordou diferente. As cobertas e os lençóis estavam com um cheiro diferente, o toque neles provocava algo como um arrepio de prazer. Espreguiçou-se sentindo o cheiro de café e, faminta sentou-se na cama. Aí entendeu por que o toque dos lençóis estava diferente. Ela havia dormido sem roupas, pela primeira vez na vida. O problema é que não lembrava de havê-las tirado, mas isso não importava. Importante era aquela plenitude, aquela sensação de cura, de quase felicidade.

Vera lembrou da mesa de café caprichada daquela manhã, lembrou do sorriso de Marina ao vê-la relaxada e tão linda e lembrou do calor do abraço que a amiga lhe deu.

Ao falar nisso, Vera chorou por muito tempo. Tive que esperar que os soluços parassem, que o choro se tornasse menos convulsivo, para tentar entender o que estava acontecendo. Vera finalmente se acalmou e falou mansamente sobre o que estava sentindo. Disse que pela primeira vez alguém havia cuidado de verdade dela. Falou das sensações que o carinho de Marina provocaram na sua pele, que nunca havia recebido um afago. Contou de como a proximidade do corpo de Marina a fizeram se sentir viva, palpitante e cheia de vida.

Perguntei-lhe sobre seu ex-marido, de como ela se sentia quando casada, quando partilhavam a cama, quando faziam sexo. Se nunca havia sentido isso tudo que ela relatara com ele. Ela pensou por um tempo e falou com toda convicção que não, nunca havia se sentido aconchegada, acarinhada, desejada.

Aí tive coragem de perguntar se o que ela percebia em Marina era desejo e ela disse que sim, que as duas conversaram sobre isso. Vera era agradecida, valorizada, ao passo que Marina ardia, queria tudo e não estava mais disposta a colocar Vera na cama, e esperar que dormisse para beijá-la bem devagar, para não acordá-la. Marina queria aquela mulher por inteiro, queria dormir com ela, acordar com ela. Menos do que isso não servia pra nada.

Vera já havia retomado o emprego, estava indo bem, comprara roupas novas e estava conseguindo conversar com os colegas. Havia dias em que mal lembrava do ex-marido. A filha ficara por mais um tempo na casa do pai e agora ela estava enfrentando um problema com aquela amiga tão boazinha, que salvara sua vida, que lhe dera tanto carinho, que despertara sensações desconhecidas, que serviram para que se conhecesse melhor. Aquela amiga estava se tornando invasiva, não saía de sua casa e isso ela tinha que conseguir.

Quando Vera saiu lá de casa, não sem antes ouvir que tomasse cuidado com o que diria a Marina, que sentimentos devem ser respeitados, fiquei sentada por um tempão, pensando em como as coisas podem se precipitar e como, sem que a gente procure, há coisas que vêm parar no nosso colo.

Na manhã seguinte, depois de fazer e servir o café da manhã, peguei os jornais para dar uma lida rápida e eis que vejo a foto de Marina, bem grande, e a manchete: "Jornalista comete suicídio, jogando-se do prédio em que morava." Dobrei os jornais bem devagar, pois tinha a sensação de que a cada dobrada, eu machucava aquela alma delicada que eu havia conhecido ligeiramente, mas que me havia revelado o que é ser gente de verdade.

Data : 25/11/2014

Título : Ficou louca, Margarida?

Categoria: Contos

Descrição: Margarida descobriu que não viveu. A descoberta foi assim, de repente.

Margarida descobriu que não viveu. A descoberta foi, assim, de repente. Em meia hora de conversa com uma amiga ela conseguiu recuar no tempo e rever tudo, até os conceitos tão bem elaborados por gerações.

Era normal ser filha de seu pai e apanhar dele. Todos na sua casa apanhavam, e ninguém questionava. Nem sua mãe, coitada. Era tão sofrida. Sempre chorosa e trabalhadeira, não ousava contrariar aquele homem irritadiço e exigente.

Ela crescera trabalhando duro, cuidando dos irmãos que não paravam de chegar. Foram muitos filhos na sua família. Isso significava lavar, passar, cozinhar e costurar. Quem podia não costurar naquela época? Margarida tinha um jeito especial para a costura e, cedo, descobriu que a máquina era a forma de escapar do tanque e do fogão, que ela odiava.

A cidade onde Margarida crescera, na verdade, era uma vila. Todos se conheciam e eram muito parecidos. A supremacia masculina permitia que alguns meninos saíssem da cidade para estudar, mas, jamais as meninas. Estas costuravam e eram das lides domésticas, como as mães e as avós.

Margarida tornou-se uma moça bonita, prendada e foi logo vista como boa para o casamento. Não demorou a aparecer um pretendente. A mãe andava cansada e o pai cada vez mais ausente de casa. Ela sabia que a apatia da mãe tinha a ver com a vida que o pai levava e que não combinava em nada com a vida da família.

Volta e meia ouvia comentários sobre a ida dos homens à cidade maior ali perto, onde jogavam e onde frequentavam "casas de mulher". E o pai, sabia, ia também. E o via voltar sem dinheiro, a mãe a chorar e o pai cada vez mais irritado. A vida era um círculo vicioso, ora tudo calmo, ora um caldeirão, quando tudo podia acontecer. Margarida via os irmãos serem espancados e nunca tivera coragem de defendê-los. Instintivamente ela sabia que aquilo estava errado, como estava errado ficarem sem dinheiro, mesmo trabalhando tanto.

Ao primeiro pedido de casamento, aceitou, mesmo sem sentir nada por aquele rapaz sisudo, mas honesto e trabalhador. Ficaria livre daquele ambiente opressivo e teria a sua própria casa. Casou-se no verão. A saída de sua casa parecia não ser muito notada. Ela arrumou suas poucas coisas, vestiu-se de noiva e disse o sim necessário.

Após o casamento, rumou para a casa do noivo, ou melhor, para a casa da família do noivo. Mostraram-lhe seu quarto, e ela se instalou. Guardou suas coisas, não muitas, com capricho naquele guarda-roupa grande. Havia espaço para ela naquele quarto, só no quarto.

Passou a noite de núpcias sem grandes emoções, nem grandes feitos. O marido era homem silencioso, seco, rápido. Deitou-se sobre ela, penetrou-a com cuidado e virou para o lado.

Margarida acreditou que fosse assim que as coisas da vida aconteciam. Estava aliviada por sair da casa dos pais e não esperava muito da casa do marido. A vida das mulheres era assim.

Margarida e o marido tiveram quatro filhas, que ela cuidou com dedicação. Comprou o que as meninas precisavam, costurando dia e noite. Eram outros tempos, porque agora as meninas iam à escola e colecionavam revistas onde havia fotos de vestidos lindos, que Margarida reproduzia com rigor. Tudo muito bem feito!

As meninas cresceram, sempre muito bem arranjadas pela mãe. Com o tempo, as amigas das filhas passaram a pedir que ela costurasse seus vestidos também. Margarida tornou-se costureira de mão cheia e com isso ganhou um bom dinheiro, que o marido gostou de gastar no clube, tomando cerveja com os parceiros do bolão. Tudo normal, tudo previsível. A vida transcorreu assim. Margarida costurando, fazendo comida, limpando sua parte da casa. O marido fazendo móveis, chegando para descansar a cada final de expediente. O silêncio durante o descanso dele era obrigatório e jamais contestado. Os homens precisavam muito descansar naquela época. A morte do marido pegou Margarida desprevenida. Nunca havia pensado na possibilidade de ficar sem ele, mesmo que raramente se falassem. No velório chegaram os pais dela, já envelhecidos, os irmãos e as irmãs - menos duas, que haviam se casado com homens ricos. Essas não viriam. Preferiram ficar bem longe, aproveitando a vida. Pouco se sabia delas e de suas famílias. Margarida tinha quase cinquenta anos quando viu sua última filha sair de casa. Os sogros deixaram tudo para ela, por ter passado anos e anos cuidando deles. Margarida ficou só, mas não por muito tempo. Logo que as filhas tiveram seus filhos, passaram a levá-los para a mãe cuidar. As roupas para as festas que as filhas frequentavam, Margarida continuou a fazer de bom grado. A vida era assim mesmo! Era normal cuidar dos netos, costurar, fazer comida para todo mundo.

Ninguém imaginava que as coisas pudessem mudar tão rápido. Havia na cidade um movimento de mulheres que aguçou a curiosidade de Margarida. Ela viu que as reuniões eram concorridas, percebeu como as vizinhas passavam pela rua rindo alto, e, aos domingos, havia música no clube. Margarida ficou tentada a aceitar o convite da vizinha para ir a uma reunião. Após mais alguns convites, foi. E gostou muito!

Tratava-se da extensão de uma faculdade de terceira idade. A maior parte dos que frequentavam o grupo era de mulheres. Isso não foi surpresa para Margarida, ciente de como os homens se comportavam naquele lugar. Das atividades da turma, as mais lindas eram os sorrisos e os abraços. Aquelas mulheres tinham mania de abraçar umas às outras, e Margarida não demorou a aprender. Logo passou a abraçar também. Não conseguia mais ouvir uma música sem que dançasse feliz. E já começava a ler com mais agilidade.

As filhas estranharam as atitudes da mãe, quando esta se recusou a cuidar dos netos, de vez em quando, ou quando passou a dizer não ter tempo para tanta costura. Um livro aqui e ali era indício de que haveria muitas surpresas ainda. E Margarida vibrou com a vida nova e aproveitou tudo com gana. Os netos, aos poucos, ficaram sem a vovó, e as filhas começaram a comprar roupas prontas.

Aos domingos havia baile, e Margarida descobriu que adorava dançar e dançava mesmo sozinha. A fome que ela tinha de viver era grande demais. A dança operou alguma coisa nela, porque sentiu necessidade de enfeitar-se, de observar-se. Seu corpo agora lhe dava prazer, e não dor. Apreciava tomar banho, olhar-se e ver que gostava de si. Descobriu que ela fora, até então, uma desconhecida para si mesma.

Mas a fome maior era da alma. Os livros a deixavam agoniada, por querer saber o que havia neles. Em todos eles. Sorte haver uma biblioteca e haver Carla em sua vida.

Carla era uma professora da faculdade que ia à sua cidade de vez em quando para palestrar sobre a qualidade de vida. As duas tornaram-se amigas, assim, como por encanto.

Margarida sentou-se com Carla certa feita e contou-lhe sobre a sua vida. O fato de ter conseguido sintetizar tudo em meia hora a fez concluir que sua vida havia passado de forma pobre, vazia, sem amor, sem paixão.

Carla ouviu o relato e falou que a achava uma das pessoas mais inteligentes que conhecia. Isso pareceu um disparate! Margarida demorou a metabolizar a informação, mas quando fez, tomou uma decisão. Falou com calma para a amiga que queria estudar, só não sabia como fazer. Carla sugeriu que procurasse uma escola da cidade, para ver o que poderia ser feito.

Naquela noite, Margarida não dormiu, nem dormiu bem nos anos seguintes. Sua vida sofreu tal transformação, que suas filhas não a reconheceram mais. Só a caçula percebeu o quanto a mãe estava feliz.

Margarida estudou, formou-se no colégio e ingressou na faculdade de psicologia. Era uma devoradora de livros e, aos 64 anos, era psicóloga clínica. Casou-se com seu professor de psicanálise, dez anos mais jovem que ela.

Quando comunicou que faria longa viagem de lua de mel pela Europa, as filhas perguntaram se ela estava louca. Ela sorriu e falou que sim: estava louca de felicidade, até que enfim.

Data : 25/11/2014

Título : Grávida, e agora?

Categoria: Contos

Descrição: Ela era muito nova quando ficou grávida. Difícil acreditar que engravidar fosse tão fácil.

Ela era muito nova quando ficou grávida. Difícil acreditar que engravidar fosse tão fácil. O que aconteceu naquela festa foi rápido e sem compromisso, por isso demorou-se com o resultado do exame de laboratório no colo, mãos trêmulas. Tomar banho pareceu ótimo naquele momento. A água do chuveiro como que lavou suas memórias, deixando bem aparentes aquelas que originaram seu estado atual. A cena em que se deitara com Beto sem proteção apareceu clara e nítida. Bem que ela, naquele momento louco, pensara que poderia acontecer alguma complicação, mas não houve tempo, nem vontade, nem camisinha à mão. O que houve foi um arroubo de paixão, uma leve tonteira da vodca, aquela cama, estreita, de sua melhor amiga. Beto a empurrara para o quarto e, dali em diante, tudo aconteceu com rapidez.

A água morna escorria pelo seu corpo e ela olhava para a barriga, sem acreditar que aquilo cresceria e que ela estava irremediavelmente em maus lençóis. Marina não tinha ainda a exata dimensão da gravidade de estar esperando um filho. Demorou um pouco ainda para isso acontecer.

Beto era um garotão e um amigo para o qual nunca havia olhado de forma diferente. A camaradagem entre os dois era coisa consolidada por anos de colégio e festas divertidas. Marina não costumava perder a cabeça, nem bebia demais. Aquele episódio com Beto fora todo diferente.

Tudo começou antes da festa na casa de Laura. A chegada com atraso deveu-se a um incidente marcante, que começou com Marina e o pai saindo de casa, em meio ao rosário de recomendações da mãe, já decoradas há muito tempo. No meio do caminho, quando a conversa ia animada, o pneu furou. Resmungando e mal-humorado, o pai abriu o bagageiro para pegar o estepe e as ferramentas, sem perceber quando seu celular tocou. Marina até o chamou, mas, no intuito de lhe fazer um favor, abriu o telefone sem pensar. Era uma mensagem. O que ela leu fez o coração disparar, e ela segurou as lágrimas com dificuldade. Marina precisava pensar no que fazer, e logo. Aquela situação nunca fora sequer suspeitada. A mensagem, de teor apaixonado, vinha da secretária da fábrica, uma amiga da família. A mãe morreria se soubesse do caso do marido com aquela mulher.

Ainda ontem a família combinara tudo para uma viagem. Mesmo tendo que suportar a irmã mais nova e mais chata do mundo, Marina estava animada. A possibilidade de escapar do frio e pegar uma praia linda e bem quentinha era algo tentador. A fábrica prosperava, e agora podiam viajar. Quando o pai retornou ao carro, encontrou Marina quase normal. Ele não estranhou seu silêncio, porque o atribuiu ao atraso que o pneu furado provocara. Largou Marina na porta da casa de Laura, sem aceitar o convite para entrar um pouquinho.

A festa já havia começado. Estava tudo igual às outras festas da turma, as mesmas pessoas, as mesmas músicas, a mesma vodca disfarçada dentro da Coca-Cola. E ali estava Beto, seu amigo.

A disposição de Marina, naquele momento, não combinava com festa. Ela estava chocada com o que descobrira sobre o pai. Enquanto bebericava sua Coca-Cola batizada, balançava-se ao ritmo da música que mal escutava. Pensou em como poderia viver com o que sabia.

Beto foi o único a perceber algo de errado. Aproximou-se e Marina lançou-lhe um olhar que era um misto de desespero e pedido de socorro. Beto abraçou-a e sentiu seu perfume. Percebeu, chocado, que nunca havia pensado em Marina como uma garota que ele pudesse namorar, mas se deu conta que ali estava alguém bem interessante.

Dançavam devagar, quando a mão de Beto deslizou pelas costas da menina. Ela sentiu um arrepio e encostou o corpo um pouco mais. Aos poucos já não conseguiam respirar, e uma onda de paixão os empurrou para longe dali. Beto abriu a porta do quarto de Laura, trazendo Marina consigo. Ofegantes, tiraram a roupa um do outro.

Marina não era inexperiente, mas o que aconteceu ali foi inédito para ela. O que ouvira até então sobre orgasmo passava longe do que ela sentiu com Beto. Foi tudo rápido e intenso. Quando tudo acabou, ele sugeriu constrangido que saíssem dali. Marina ajeitou as roupas e esticou a colcha. Antes de voltar à festa, pensou aturdida no que poderia dar errado. Uma gravidez era a possibilidade mais remota. A pílula não falharia justamente com ela.

## Parte dois

Marina tinha uma amiga que, na verdade, era mais amiga de sua mãe do que sua. Lúcia frequentava a casa há anos e era considerada da família. Para Marina, ela seria madura o suficiente para pensar com lucidez e ajudá-la a colocar um pouco de ordem nos pensamentos. O exame de gravidez estava bem seguro dentro do caderno da faculdade. Decidiu ir à casa de Lúcia. A escola não era uma possibilidade, nem de longe.

Ao chegar, Marina pediu para não ser denunciada matando aula. Pegou a amiga pela mão e, gentilmente, convidou-a para sentar-se ao seu lado no sofá. Abriu o caderno, retirou o envelope e o entregou, deixando o resultado bem visível para as duas. Lúcia olhou-a comovida, quando o choro finalmente apareceu e Marina deixou que ele rolasse livre, sem pudor. Chorou muito, enquanto a amiga buscava um lenço, um copo com água e a segurava pela mão. Quando finalmente se acalmou, ouviu a pergunta:

– Já estás melhor? Podemos conversar?

– Eu preciso desesperadamente conversar, por isso estou aqui. Você me ajuda?

– Primeiro tens que pensar no que queres fazer com esta informação – falou Paula, indicando o envelope com o exame.

– A única coisa que sei é que eu não esperava. Fiz o exame por causa de um mês de atraso, mas pensava que era uma loucura estar grávida. Nunca imaginei que eu ficaria louca a ponto de não pensar em mais nada naquela noite. Mas foi só uma vez! Não dá pra acreditar – Marina tentava desesperadamente encontrar uma explicação dentro do relato que fazia. Lúcia entendeu o que havia acontecido e tratou de fazer as perguntas pertinentes:

– Quem é o pai, Marina?

– Não tenho nem coragem de dizer, Lúcia! Ele é um amigo, um colega de aula. A gente nem está namorando.

Lúcia deixou que Marina falasse, pois sabia que ela tinha que metabolizar tamanha responsabilidade.

Marina falou tudo, mas não pareceu estar entendendo o que fazer com Beto. Como ele seria o pai do seu filho?

Lúcia percebeu o susto de Marina, ao constatar o que ainda não havia compreendido. Esperou a menina ficar mais calma e perguntou:

– Quando você pretende contar a seus pais? E para o seu colega, que ele vai ser pai?

– Pro meu pai eu não conto nada! Ele não merece! O que eu soube dele me fez deitar com Beto. Beto foi a primeira pessoa que falou comigo depois do que eu soube. E foi Beto quem me abraçou e pareceu entender.

– Isso é jeito de falar do seu pai? O que ele fez de tão grave? Há anos convivo com vocês e nunca vi nada de errado com seu pai, Marina. Fica calma, respira e começa a contar. O que aconteceu naquela noite?

Os dois meses seguintes foram reveladores. Marina percebeu o completo despreparo de Beto frente a uma situação como a sua. Ela sabia que ele não teria condições de assumir uma paternidade. A forma patética com que se comportou, chorando e se desculpando com os pais dele e os dela, deixaram bem claro tratar-se de um menino imaturo.

Os pais encontravam-se em uma fase muito difícil, de separação. Marina acompanhava o processo no qual a mãe acusava o marido de traição e a total indiferença dele em relação ao seu sofrimento. A separação era o melhor que poderia acontecer. A gravidez da filha pouco importava aos dois.

Marina decidiu continuar a faculdade e o estágio no escritório, enquanto via a mãe apavorada com a barriga que já aparecia, sem ser capaz de esboçar um movimento na direção da filha. Afinal, quem estava passando por dificuldades era ela. Em idade difícil, trabalhava rodeada de rapazes e moças todos muito bem-apanhados e supercompetentes. Não demoraria a ser posta pra fora do emprego. A decepção de descobrir-se traída e a consequente separação foram a gota d'água. O caos estava instalado e havia uma filha grávida no meio daquilo tudo. Era muita coisa ao mesmo tempo.

Na faculdade a gestação de Marina era motivo de festa. As colegas queriam passar a mão na barriga, enquanto Beto não conseguia livrar-se do constrangimento de ser o pai. O que Marina não esperava era que a professora de cálculo se apegasse tanto a ela.

Tornaram-se amigas, Tania e Marina. Inseparáveis!

Marina era convidada para dormir na casa de Tania, essa professora delicada, casada com um engenheiro. O fato de o casal não ter filhos e gostar muito de crianças contribuiu para a situação atual de Marina, faltando apenas três meses para o parto. Sentiu-se acolhida, cuidada com desvelo e carinho.

Tania levou-a para comprar o enxoval, fez questão de pagar tudo, com a promessa de guardar todas as notas, para que fosse ressarcida um dia. Foi a melhor acompanhante que Marina precisava naquela altura. Tania não mediu esforços para que a gestação tivesse um final saudável.

As duas nunca tiveram uma conversa acerca do bebê. Marina sabia tratar-se de um menino e que as dificuldades na sua vida não terminariam com o nascimento; pelo contrário, seriam muito maiores, em número e intensidade. Marina até desconfiava que Tania e o marido quisessem seu filho, mas isso nunca foi falado.

Foi uma surpresa constatar que na casa dos dois professores havia um quarto para Marina, para quando saísse do hospital. A mãe da menina não se opôs, ficou até aliviada. Afinal, estava a ponto de reconciliar-se com o marido, e nada poderia atrapalhar o processo.

O parto foi normal. O médico perguntou se Marina fazia questão de que o pai assistisse, e ela respondeu que não. E tudo transcorreu bem. O menino era bonito, saudável e grande. Três quilos e seiscentos!

Já no quarto, junto com Tania, recebeu seu filho. Arrumou o braço em concha, percebeu que o bebê cabia ali, puxou-o para perto de si e olhou para seu rostinho. O menino abriu os olhos, e Marina soube naquele momento que nada mais seria como antes. Que ela não era mais a mesma. Uma emoção enorme a fez chorar bem de mansinho, olhando para seu filho, sem pressa, sem que ninguém dissesse nada.

Tania recebeu a mãe de Marina, com o dedo nos lábios, pedindo que não falasse nada. E lá ficaram as duas mulheres, observando um milagre. Viram Marina tornar-se mãe. Viram-na aconchegar o filho e oferecer-lhe o seio. A comoção era algo palpável naquele quarto.

No outro dia, após a alta, Marina instalou-se confortavelmente na casa de Tania. O marido da amiga, sempre que podia, aparecia por lá para cheirar o pescocinho do bebê e dizer o quanto ele era lindo.

Uma tarde, Tania ofereceu-se para sair com o bebê, a fim de que Marina pudesse descansar da longa noite insone. A amiga aceitou agradecida, não sem antes lembrar o horário em que o filho teria que mamar de novo.

Aceitou um chá servido por Tania e deitou-se. Não demorou a dormir. Foi com surpresa que acordou na outra manhã sozinha em casa. Percorreu todos os cômodos impecavelmente arrumados e não encontrou ninguém. Olhou para o visor do celular, a fim de certificar-se da hora e do dia. O fato de haver dormido uma tarde inteira e uma noite a deixou alarmada.

Assustou-se com o barulho do telefone e, ao atendê-lo, soube que a universidade procurava pelo casal de professores. O que se seguiu foi um pesadelo inacreditável.

As manchetes davam conta de que um casal de engenheiros russos, professores de uma universidade particular do interior, desaparecera, levando consigo um bebê recém-nascido. Marina nunca mais soube de seu filho, a quem não havia dado sequer um nome.

Data : 10/06/2013

Título : Jane, sua captura e resgate

Categoria: Contos

Descrição: Este é um conto que sempre quis escrever. Algo parecido eu vi acontecer há muito tempo e aconteceu o que eu esperava: sinto-me aliviada em dar luz a uma história que, se não igual, é parecida com milhares.

### Jane, sua captura e resgate

O casal de namorados voltava do cinema. Abraçados, vinham arrulhando palavras de amor, quando ele sentiu um cano encostado às costelas e ela uma fígada de faca no braço. Demoraram alguns segundos para entender a situação. Tudo ficou claro quando o homem do revólver falou:

- Quietos os dois. Vamos caminhando juntos e ninguém fala nada, só quando eu mandar.

O namorado de Jane, coração disparando, falou baixo, enquanto procurou apertar-se mais a ela:

- O que vocês querem?

Sentiu imediatamente o revólver machucar suas costelas, enquanto ouviu a sentença:

- Ninguém fala nada. A gente vai pra fora da cidade e lá a gente te solta, mané! A gostosura fica com a gente.

Jane começou a tremer e a caminhar com dificuldade, mas o homem que a segurava era forte o suficiente para fazê-la obedecer. Passaram pelo centro apressando o passo e chegaram a uma rua de acesso ao bairro mais remoto da cidade. Às vezes os dois rapazes falavam alguma coisa sorrindo, com o intuito de não despertar suspeitas.

Caminharam muito. Jane e o namorado ouviam os planos pra seu estupro, enquanto andavam aos tropeços. Jane abandonou os sapatos de salto logo que chegaram à primeira rua deserta. Sentiu um certo alívio ao fazê-lo, pois já estava bastante machucada.

Percorreram dois quarteirões do bairro, quando encontraram o terceiro homem. Ele havia atendido ao telefonema de um deles e já esperava em frente a uma casa iluminada, mas longe do muro da frente. Os cães latiam enlouquecidos, mas ninguém apareceu à janela.

O homem mais forte parecia ser o chefe, por dar ordens o tempo todo e por portar a arma de fogo. O da faca era franzino, um pouco menor do que o terceiro que acabara de chegar. O chefe falou:

- A gente já chegou!

Empurrou os dois para dentro de um matinho muito bem cuidado, mas quase fechado pela vegetação. Já lá dentro, disse:

- O filhinho do papai e da mamãe vai embora agora e sem olhar pra trás. O João vai ficar atrás de ti e nos avisa se tu fizer bobagem.

Marcos começou a correr ouvindo passos atrás de si por algum tempo. Quando não os ouviu mais, tomou coragem para pedir ajuda. Esmurrou o portão de uma casa até que uma janela se abriu e alguém perguntou o que estaria acontecendo. João pode então telefonar e contar que Jane fora sequestrada.

A moça sentia os espinhos rasgando sua pele, os pés sendo feridos por pedras, mas eles não paravam de correr, puxando-a com brutalidade. Ao chegarem à altura em que não se via mais luzes, nem barulho de trânsito, ela foi jogada ao chão.

Jane teve as roupas arrancadas e foi estuprada por dois homens. Ouvia a respiração ofegante, ora de um, ora de outro, enquanto era violada várias vezes. Jane sentia-se dolorosamente submetida a dois homens fortes, contra os quais não conseguia fazer nada.

Ao sinal do motor de um carro, os homens começaram a correr de novo, cada vez mais para dentro do mato. O carro passou por eles, que, jogados no chão, mantinham a boca da moça fechada. Passou um carro, depois outro. Uma viatura da polícia passou iluminando o matagal onde eles estavam, mas passou como os outros carros. Jane chegou a ver algumas pessoas que conhecia, e sabia que a procuravam.

No meio do silêncio e da escuridão, Jane ouviu a voz de um dos homens, falando bem perto do ouvido:

- Faz de conta que sou teu namorado e diz tudo o que tu fala pra ele.

Enquanto falava, ele a machucava, a mordia com brutalidade e a penetrava de novo. Jane percebeu que teria que salvar sua vida de alguma forma. Começou a falar, quando sentiu o revólver bem na sua mão. Pegou-o e enquanto falava, ajeitou a arma e puxou o gatilho.

### Capítulo III

O pai de Jane, um irmão e alguns amigos, todos de carro, percorreram aquele mato por muito tempo. O carro da polícia comunicava-se com outras viaturas, quando chegou a notícia de que os bandidos e a menina estariam em um outro bairro.

A caravana abandonou o bosque, orientada pela polícia.

Um dos carros apagou e ficou para trás. O motorista, amigo da família de Jane, enquanto tentava dar a partida, perdeu os outros de vista. Saiu dali com o intuito de voltar a fazer parte da busca, quando ouviu um grito.

Parou o carro, gritou o nome de Jane e, a seguir, viu-a correndo, nua, pela frente dos faróis acesos. Jane olhou para ele e entrou no carro.

O que se seguiu foi coisa rápida. A caravana avisada dirigiu-se a casa moça, enquanto ela era atendida na casa dos amigos dos pais, onde deixou que a banhassem, lhe passassem perfume e a vestissem com cuidado e carinho. Foi quando permitiu-se chorar.

Já de volta ao carro, Jane lembrou que colocara algo no nicho da porta. Pegou a arma do bandido e a mostrou para os amigos. Já em casa, a arma foi examinada. Tratava-se de uma arma antiga, que há muito não funcionava mais.

A tia de Jane pensou conhecer aquela arma, mas resolveu ficar quieta.

### Capítulo IV

Nos dias que se seguiram ao estupro de Jane os bandidos foram caçados sem sucesso. Jane fez exame de corpo de delito, foi ao seu médico particular, fez exames de laboratório, tomou remédios preventivos e enfrentou tudo com rara coragem. A mãe tentou dizer que havia avisado de que se cuidasse, mas Jane não permitiu que ela continuasse. A culpa não era dela, definitivamente.

Já curada dos ferimentos e de volta à faculdade, Jane tentou falar com o namorado sobre o acontecido, mas ele não quis manter aquela conversa. Nunca mais a tocou e, pouco a pouco, parou de procurá-la.

Enquanto Jane retomava sua vida, a tia tentava, em vão, lembrar-se onde poderia ter visto aquela arma. Naquele dia ela iria visitar a sobrinha. Pegou o álbum de fotos do seu aniversário, que Jane queria ver e, de ônibus, chegou a casa dela.

Sentaram-se as duas na sala, bacia de pipoca no colo e álbum no outro, começaram a ver as fotos. Subitamente Jane empalideceu.

Jane havia reconhecido um dos estupradores na figura de um afilhado da tia, morador do bairro dela. A tia pediu que ela olhasse bem para ter certeza, quando percebeu que Jane estava convicta do que falava.

A polícia prendeu o rapaz, que denunciou os outros dois. A tia de Jane lembrou que, na mesinha da sala da comadre, havia uma arma antiga, usada como decoração.

Um dos bandidos foi morto dentro da cadeia, outro fugiu e juntou-se a uma gangue que estuprou um casal de namorados. Dias depois apareceu morto. O corpo tinha sinais de tortura. O terceiro morreu de pneumonia, debilitado pela Aids.

Jane casou-se com um colega de faculdade, fez um concurso público e agora é Delegada de Polícia, na Delegacia da Mulher. Seu trabalho notabiliza-se por tratar dos casos de estupro com extremo critério, cuidando para que as mulheres violentadas sejam atendidas com o máximo respeito. Ela procura certificar-se de que nenhuma delas tenha sido contaminada por doença grave como ela mesma foi.

Jane nunca quis arriscar uma gravidez, por isso, ela e o marido resolveram adotar um menino já crescido e, dois anos depois, outro, já adolescente.

Jane mantém-se saudável, tanto física, quanto mentalmente. Ela não permitiu que o crime a aniquilasse, assim como, não permitiu que a doença progredisse.

Há poucos dias soube que o ex-namorado havia morrido em um acidente. Estranhamente, ela não sentiu nada, ou melhor, sentiu que o mundo havia perdido um covarde.

Data : 12/04/2012

Título : Mergulho no vazio

Categoria: Contos

Descrição: Este conto relata uma das consequências da violência contra a mulher, que tem na crise de ansiedade o sintoma de que a situação está insustentável. Conta também as fantasias doentias de uma mulher que procura uma saída.

Mergulho no vazio

Às cinco da manhã, Eva acordou. Sentiu urgência em levantar-se e o fez, não sem pensar que aquela não era uma boa hora. Estava escuro ainda, muito cedo até para fazer o café. Vestiu o robe e caminhou até a porta da cozinha, quando sentiu que ia morrer.

Seu cérebro parecia ter sido sugado junto com seu equilíbrio. Ao tocar na mesa na tentativa de ficar em pé, percebeu as mãos dormentes, a boca seca e um turbilhão feito uma roda d'água no alto do peito. Conseguiu arrastar-se até a cama e pediu socorro ao marido, que resmungou e virou-se para o lado.

Eva chamou-o de novo, aproveitando um momento de lucidez em meio a dois como que desmaios. Aí, deu-se conta de que algo muito sério estaria acontecendo.

O marido ajudou-a a se vestir com rara gentileza, insistiu para que Eva vestisse roupas de mangas compridas e uma calça jeans. Eva deixou que ele a ajudasse, com docilidade e muita estranheza, pois não tinha idéia da própria palidez. A cara dele era de pura preocupação.

Não fazia calor naquela manhã de começo de outono, então não havia razão para suar daquela forma. Eva percebeu tudo ao sair amparada de casa, quando o vento bateu em sua testa

molhada. Foi tomada de um pavor tão grande, que o turbilhão em seu peito se intensificou, fazendo-a cair no banco da frente do carro. O trajeto à emergência foi interminável. Ouvia a voz de Edmundo, encorajando-a, como se ele estivesse a quilômetros de distância.

A emergência estava lotada. Eva sentou-se ao lado do marido e ouviu o que ele lhe disse ao ouvido:

- Não deixe que tirem sua roupa, pois podem perceber tudo e eu não quero me incomodar.
- Perceber o quê, sussurrou?
- Aquela briga de ontem pode ter deixado marcas, ora.

Aí ela lembrou. Havia sido uma briga daquelas, mais uma em que ela apanhou muito. Nos últimos tempos, a vida sossegada foi substituída por discussões sem nenhum fundamento e ela era vítima de agressões cada vez mais violentas. O ciúme dele era assustador.

A chamada de seu nome causou-lhe um sobressalto. Tinha que tomar cuidado com o médico, tinha que melhorar rápido, pois, se ela morresse, ou se não melhorasse, alguém veria seu corpo machucado e saberiam da sua situação vergonhosa.

Edmundo ajudou-a a caminhar até o consultório. O médico percebeu logo tratar-se de uma crise de ansiedade, receitou um ansiolítico e recomendou que procurasse um clínico no outro dia.

## Capítulo II

Acordou cansada perto do meio-dia, mas completamente recuperada da crise do dia anterior e improvisou o almoço. Percebeu que Edmundo a olhava vez em quando, mas não falou nada. Por sua vez, Eva serviu-lhe o prato, esperou que comesse e quando começou a arrumar a cozinha, ele falou com ela:

- Como estás, melhor?
- Não sinto mais nada, só estou muito cansada, disse ela.
- Na semana que vem vamos ao médico, eu a levo, falou Edmundo.
- Posso ir sozinha, pensei até em ir hoje, disse Eva, sem desconfiar do que viria.
- Eu falei que vamos na semana que vem. Até lá os hematomas já desapareceram e antes disso não tenho tempo, ele falou, quase gritando.

Eva assustou-se, mas, desconfiada de que ele houvesse descoberto tudo, achou melhor ficar calada.

Mal ele havia saído, sem beijo nenhum, nem até logo, como sempre e ela correu ao telefone.

Ouviu o telefone chamando, chamando, quando começou a sentir tudo de novo. As palpitações, o formigamento, a boca seca e desfaleceu com o telefone na mão.

O filho a encontrou deitada ainda e ajudou-a a deitar. Ele era um menino bonito, gentil e que a tratava com a benevolência de quem sabia de tudo.

Eva estava acostumada a ir à escola do filho, sempre que chamada. Geralmente, falavam com cuidado sobre os problemas do filho. Ele era gentil demais, carinhoso com as meninas e a chacota dos meninos. Seu jeito de caminhar era o motivo de tratarem-no de forma debochada e grosseira.

Fazia já três semanas desde que ela começou a freqüentar o consultório do psicólogo. Ela precisava entender o que estava acontecendo com seu filho, que era tão diferente do pai. Como podia aquele menino sentar-se tão elegantemente à mesa, comer em garfadas pequenas, enquanto o marido, pai dele, palitava os dentes, fazia barulhos perfeitamente audíveis ao engolir e mastigar.

O psicólogo chamava-se Artur e apertara calorosamente sua mão ao entrar em seu consultório. Durante a sessão falara pouco, mas a olhara com atenção, fazendo algumas considerações com uma voz aveludada que a atingira de forma certa, direto no coração.

Foram três semanas de sonho. Nunca um homem a tratara assim, nem seu pai, nem seu marido. Via-se perdida, olhando pra ele e imaginando o amor dos dois, de como seria se deitassem naquele divã, Certamente a voz de veludo sussurraria coisas delicadas, elogios que nunca ouvira, o que acenderia dentro dela o que sempre esteve adormecido, mas ela sabia que estava lá.

### Capítulo III

Depois do casamento Eva pensou que tudo seria diferente. Filha de um pai despótico e grosseiro, finalmente teria sua casa. Arrumou-a com carinho, cozinhou para o marido com esmero, assim como sua mãe fizera desde sempre.

As noites eram preenchidas por novelas e por investidas do marido, mas ela nunca conseguiu ver um sentido maior em abrir as pernas e sentir o corpo daquele homem suando em cima dela. Sabia que era sua obrigação fazê-lo, mas ela sempre esperou muito mais daquilo, ao menos alguma palavra que sinalizasse o que iria acontecer. Mas isso nunca aconteceu. Desde o começo, deixou que ele retirasse sua roupa, usasse seu corpo, para finalmente dormir, não sem antes dizer-lhe o quanto estava decepcionado com uma mulher que não conseguia se mexer convenientemente.

De algum tempo para cá, tudo havia mudado. De paciente e resignada, ela passou a rejeitar aquela situação. Não suportava mais o cheiro daquele homem, nem aturava mais os barulhos que saíam de dentro dele, muito menos seu suor, seu esperma. Esperava que ele dormisse para tomar banho com vagar, passando suavemente o sabonete pelo corpo, imaginando palavras doces dirigidas a ela. E foi assim, de olhos fechados, que ela despertou para o que seu sexo podia oferecer.

Dr. Artur passou a ser o protagonista dos seus sonhos, dos seus pensamentos, dos seus devaneios. Ansiava por ele, como se aí estivesse sua sobrevivência. Pensava que um sentimento tão grande só podia ser correspondido, pois não era possível ignorá-lo.

As noites com o marido tornaram-se um inferno e ela não escondeu isso, nunca. Deitava-se tarde, certa de que assim ele estaria ferrado no sono. Quando acontecia de ele acordar, recebia-o mal, passaram a discutir e ele bateu nela pela primeira vez com pouca fúria, mas com palavras que dilaceraram o que lhe restava de auto estima.

As surras eram-lhe menos dolorosas do que ter que recebê-lo como mulher.

### Capítulo IV

Eva tinha pavor só de pensar que seu marido pudesse devassar seus pensamentos. Era-lhe impossível imaginar que suas noites com o Dr Artur, mesmo que em sonhos, pudessem ser reveladas de alguma forma. O conhecimento do funcionamento de seu corpo deram a Eva uma fome que desconhecia. Tinha fome de afagos, de palavras doces, de toques íntimos, o que seus sonhos proporcionavam. Jamais aquele homem rude entrara neles.

Ela passou a ter a certeza de ser correspondida. Cada vez que acordava de suas noites de amor, ela imaginava um Dr. Artur extenuado, feliz por ter compartilhado com ela todo aquele turbilhão de sensações, mesmo que em um reduzido divã. As sessões de psicoterapia eram uma confirmação disso. A forma como era recebida, sempre com um aperto de mão morno, macio e uma palavra encorajadora, fizeram-na esquecer a razão de estar frequentando aquele consultório. O filho não era mais um problema, pois ela percebia que o menino era muito mais parecido com Artur do que com o pai e isso a fazia feliz.

Dr. Arthur falava-lhe da tranquilidade do seu novo comportamento, dizia-lhe que estava progredindo em sua compreensão da índole do filho e, parecia, a admirava por isso. O encorajamento de suas palavras foi, aos poucos, dando-lhe a certeza de que, no futuro, eles ficariam juntos, felizes e tranquilos, vivendo uma vida cheia de carinhos, afagos e paixão.

Depois daquele dia em que pensou morrer, ao ver o telefone caído ao seu lado e o filho inclinado sobre ela, é que tomou a decisão: ela procuraria seu amor e resolveria todo aquele sofrimento.

Ainda havia tempo de arrumar-se com esmero e de postar-se em frente ao posto de saúde para tentar uma consulta. Não passaria mais nem uma noite em casa, sonhando e fugindo e sentindo na pele a agressividade cada vez mais intensa do marido. Não sofreria mais nenhuma surra, nem se deitaria mais naquela cama. Um futuro muito melhor a esperava. Artur não se negaria em receber também seu filho, tão parecidos que eram.

Aquela era uma ocasião especial. Perfumou-se com aquele aroma que a excitava e dirigiu-se ao posto. O caminho parecia ser outro, tal a felicidade que a invadia. Tinha vontade de cantar, de sorrir para as pessoas. Para algumas até que o fez, sem encontrar correspondência. Ninguém parecia notar que aquele era um dia especial, nem que ela arrumara o cabelo para cima, em um coque que ela acreditava estar lindo, nem em seu vestido floreado.

No posto, negaram-lhe a consulta, por não ser seu dia, mas ela sabia que ele estava lá. Sentou-se em um banco e manteve-se ereta, mesmo sentindo aquele cansaço todo, fruto das estranhas crises que sofrera. Seu corpo ansiava por deitar-se, mas a felicidade era maior.

Passaram-se muitos minutos de espera, antes de avistá-lo saindo do posto. Estava lindo! Eva aproximou-se sorrindo. Dr. Artur olhou-a e passou por ela e dirigiu-se à porta, quando ela o agarrou pelo braço.

Ele a olhou com estranheza e perguntou:

- Pois não, minha senhora?

- Artur, sou eu! Vim resolver nossa situação...

Dr. Artur desvencilhou-se dela e lançou-lhe um olhar que a fez compreender tudo.

Eva acordou no hospital, horas depois. Foi questionada sobre os hematomas, sobre sua vida de casada, sobre sua relação com o marido e o filho. O cansaço não lhe permitia qualquer relação e ela compreendeu que tudo estava terminado. Tudo!

Data : 26/09/2012

Título : O Valentão

Categoria: Contos

Descrição: Este conto retrata a caminhada inexorável de um menino, rumo ao crime, a exemplo de muitos que conheci.

## O valentão

O pai dele era poderoso! Detestava-o, mas reconhecia nele a força que lhe faltava. Desde pequeno viu aquele homem enorme exalar sua importância, o que preenchia a casa toda. O temor era o que movia sua família.

Tinham todo o que era necessário, inclusive dinheiro, mesmo que detido nos bolsos do pai, todos sabiam que havia recursos inesgotáveis neles. O resultado do vai e vem em sua casa, era muito dinheiro. Roberto sempre soube a origem de tanto dinheiro, o que lhe causava uma ponta de inquietação, afinal, o sistema de segurança de que eram rodeados, coisa cada vez mais sofisticada, deixava implícito que corriam riscos.

Roberto era um menino pequeno, apesar de já ter dezesseis anos. Achava-se bonito. O cabelo era cuidadosamente penteado para cima, o que conseguia com muita pomada e às vezes com gel. Irritava-o o fato de ter que fazer a barba todos os dias, pois achava chato ter que desviar as espinhas que teimavam em aparecer justamente quando ele menos precisava delas. O pai aprovava sua aparência bem cuidada, mas não sua altura. Muitas vezes o pai mencionara sua falta de estatura, talvez por que fosse filho de outro. A mãe ouvia, protestava um pouco, mas, como sempre, calava-se.

Ao mesmo tempo em que reconhecia a força do pai, via a atitude passiva da mãe como uma afronta a ele, pois Roberto pensava que alguém deveria defendê-lo das ofensas e da fúria do pai. Ele vivia um paradoxo: não sabia ainda discernir se admirava o pai, ou se o odiava, não sabia se amava a mãe ou se a desprezava. Ao mesmo tempo em que era paparicado por vizinhos, por frequentadores da casa, era detestado na escola. O fascínio que aquele homem violento, seu pai, exercia sobre a família era fruto do seu tamanho, do tom grave da voz e das surras que distribuía sem dó nem piedade. Os irmãos mais velhos já estavam longe dali, um por que havia morrido,

resultado de uma briga, outro por que já tinha mulher e filho. Mas os menores conviviam com a fartura material e o inferno da convivência.

Foi na adolescência que Roberto descobriu que poderia ser poderoso também, graças à fama do pai. O futebol deixou de ser uma disputa, para ser uma contenda, onde os outros meninos entregavam o jogo. A compreensão de que ele era uma ameaça, foi algo automático. Todos sabiam de quem ele era filho e como deveriam se comportar.

Daí em diante, dominar a sala de aula e ameaçar as professoras foi um passo. Havia já três anos que frequentava a mesma série, o que era muito incômodo. Seus colegas, ano a ano, eram menores do que ele, mais chatos e mais amedrontados. Todos sabiam do poder de seu canivete, mesmo que nunca houvesse machucado ninguém. Foi a partir daí que as professoras começaram a incomodar. Chamaram os pais, mas o chamado em forma de bilhete nunca era entregue, afinal ele não era louco a ponto de entregar um incômodo desses aos pais. Aí começaram os telefonemas e a insistência por parte da escola.

Roberto já se considerava um homem e uma das professoras insistia em conversar com ele. Ela tinha uma voz doce, aveludada, mas o perfume era algo que o deixava completamente fora de si. Numa dessas conversas ela pediu-lhe que fizesse um trabalho de pesquisa atrasado. Daria uma chance a ele, desde que o trabalho ficasse bem feito e entregue até o final da semana.

Havia um menino na sala, que ele sabia muito inteligente. Chamava-se Humberto e era frágil e completamente manipulável. Humberto concordou em fazer o trabalho, desde que não falasse mais seu apelido. Ser chamado de orelha era um vexame que Humberto não conseguia mais tolerar. No final de semana o trabalho estava pronto e foi entregue com solenidade. Professora e aluno, frente a frente, um suave perfume no ar e o trabalho de pesquisa, trunfo raro, uma conquista para sair daquela maldita sexta série. O sossego de Roberto durou até segunda-feira, quando foi chamado à direção.

Haviam descoberto a fraude. Humberto devia ter contado a alguém, o orelha maldito. A suspensão não era tão grave quanto a traição do orelha e a imagem destruída, que ele havia conquistado junto à professora.

Passou pela sala dos professores e a viu. Entendeu o olhar dela. O que viu foi uma pessoa resolvida a ignorá-lo. Percebeu que os anos de uma atitude amistosa e tolerante, haviam chegado ao fim. Daí em diante, sua vida virou um inferno, muito parecida com a do seu irmão morto.

A estocada na barriga de Humberto, a imediata vinda da ambulância, a conseqüente chamada do conselho tutelar, resultaram em sua detenção. O Juiz foi implacável. Aplicou-lhe uma medida severa, foi chamado de burro pelo pai, por ter deixado que o apanhassem. Durante o cumprimento da medida disciplinar, tentou por diversas vezes falar com sua professora, mas ela o tratou friamente. A volta de Humberto à escola foi comemorada pelos professores e colegas. Não demorou para que ele notasse as longas conversas da sua professora com aquele menino insuportável. Notou que Laura, sua professora cheirosa falava com Humberto, o orelha, frequentemente.

Roberto cercou-se de outros colegas, todos maiores do que o resto da turma, repetentes como ele e passaram a torturar aquele moleque que não havia aprendido a lição. Chamá-lo de orelha era pouco. Houve um dia em que o colocaram dentro da lixeira do corredor, pegaram-no na saída e quase o mataram de pancada.

Humberto não os denunciou, mas todos na escola sabiam de onde vinham as agressões. A professora perfumada nunca mais chamou-o para conversar, mas ele sabia onde ela morava e pretendia conversar com ela fora da escola. Escalou o muro da casa dela tarde da noite. Era sábado.

Subitamente sentiu uma presença a seu lado e o que viu o deixou assustado, mas não a ponto de perder o controle. O idoso que o abordou perguntando o que estaria fazendo ali tinha um aspecto tão inofensivo que Roberto imediatamente respondeu que só queria tomar água da torneira do jardim. O senhor mandou-o embora, não sem antes proibi-lo de voltar sem tocar a campainha. Laura apareceu à porta e reconheceu-o. Seu olhar era de incredulidade, mas não de raiva ou susto. Perguntou ao senhor:

- Querido, o que está acontecendo? E você, Roberto, o que estás fazendo aqui?

O rapaz ficou paralisado, pensando em como seria possível aquela linda mulher chamar aquele velho de querido. O que estaria acontecendo?

- Eu vim falar com a senhora, professora! disse Roberto

- Segunda-feira conversamos na escola, está bem, Roberto? falou calmamente Laura.

- Mas, professora...

- Fora daqui, rapaz! falou energicamente o velho. – Já é muito tarde e seu assunto com minha esposa, deve ser tratado na escola.

Roberto fez menção de sair, não sem antes notar o vestidinho que cobria Laura, bem leve, clarinho, tão clarinho que, contra a luz, deixava ver todo o contorno do seu corpo. Sentiu como que um choque, quando entendeu que queria muito aquela mulher, como nunca quisera nada na vida. Sabia que dali em diante, as meninas dos amassos estariam fora da sua vida e nunca mais teriam uma chance. Nunca mais...

## CAPÍTULO II

O final de semana foi povoado de sonhos, devaneios, ondas de desejo incontrolável de vê-la, a sua linda professora, a sua Laura. Aquela boba, casada com um velho gagá, com certeza alguém que não via o quanto ela era linda. No domingo à noite sentia-se doente, inquieto, angustiado. Não sabia se queria que chegasse logo a segunda-feira, ou se saía à noite mesmo para pular o muro, arrombar a janela e entrar no quarto da sua amada, pegá-la com força e dizer o quanto a amava.

De manhã olhou-se no espelho e lá estava mais uma espinha. Ajeitou o cabelo, passou uma colônia, passou pela cozinha onde a mãe tomava café. Olhou-a com pena, coitada, tão quieta, tão massacrada pela vida. Decidiu naquele momento que ele sim seria feliz. Não casaria com uma mulher como sua mãe, mas com alguém que fosse doce, que conversasse com delicadeza, que cheirasse bem. Cheirar bem era essencial.

Voltou ao quarto e passou mais um pouco de colônia, conferiu o topete e finalmente saiu.

Na escola foi recebido pela diretora, que percorreu aquela ladainha de sempre, que ele mal ouviu, tal a ansiedade com que aguardava o momento de ver a professora, de sentir-lhe o cheiro, de dizer-lhe tudo o que estava planejando.

Já no corredor, topou com orelha, percebeu um leve sorrisinho de deboche, o que o irritou de forma assustadora. Nunca havia sentido tanta raiva de alguém. Perguntou o porquê do sorriso e orelha, covardemente, saiu correndo e foi para a sala. Roberto seguiu-o, enquanto pensava em uma forma de vingar-se. Esqueceu seus propósitos amorosos, tal a raiva de que era tomado. Combinou com alguns colegas a surra que colocaria Humberto no hospital de novo.

Na hora da saída, a escola havia se transformado em um lugar muito freqüentado. Estavam estacionados na frente dela, uma ambulância e uma viatura da polícia. Roberto sentia a mão molhada do sangue do orelha, aquele tampinha. Foi levado dali, acompanhado por pessoas que não conhecia e olhado de longe por Laura, banhada em lágrimas. Ele tinha certeza que ela chorava por que ele estava sendo levado dali, nunca seria por causa do ferimento daquele miserável. Tomara que estivesse morto àquela altura.

## CAPÍTULO III

Passaram-se dois anos. Roberto saiu do inferno e era um rapagão. Bonito, alto, forte e determinado. Agora, com o pai fora do caminho, os negócios e o dinheiro seriam seus. A morte do pai não o abalou, nem o estado miserável da mãe, que ia visitá-lo todas as semanas. Saber que alguém matara aquele brutamontes era um alívio.

O rapaz montou um novo esquema para os negócios do pai e era tão temido quanto ele. Todos sabiam que ele era mais violento e mais preparado que o pai.

Os irmãos eram figuras obscuras, por terem puxado à mãe. Roberto sabia que, se o irmão mais velho estivesse vivo, teria que disputar o poder com ele, mas com os outros não havia chance.

Dominou o entorno com maestria, tendo como aliado o terror.

Certo dia mandou investigar o paradeiro da professora Laura. Soube que se mudara, mas não foi difícil conseguir o novo endereço.

Dirigiu-se à casa dela, de caminhonete, gel no cabelo e muito perfumado. Não teria medo de dizer-lhe tudo o que sentia, afinal, agora era um homem rico e alto como seu pai. Entrou no prédio onde ela morava e tocou a campainha do apartamento. Ela abriu a porta e estava linda, mais linda do que nunca. Ele a abraçou com força, sentiu pela primeira vez aquele corpo junto do seu, quando ela começou a gritar enlouquecidamente, desesperadamente. Sem entender muito bem o que estava acontecendo, fez menção de soltá-la, quando sentiu a bala atravessando seu corpo. Foi caindo devagar e ainda pode ver a roda da cadeira do velho. Ele estava sentado, com cara de bobo, mais velho do que nunca, com uma espingarda na mão, aprontando-se para atirar de novo. A última coisa que viu foi o cobertor que cobria as pernas do velho, enquanto outra bala o silenciou.

Data : 04/04/2012

Título : Os desejos de Laura

Categoria: Contos

Descrição: Um conto que me surpreendeu por ter vida própria enquanto escrevia.

## Os desejos de Laura

As experiências mais marcantes de Laura sempre vieram do útero. Mesmo no começo, quando não sabia sequer como posicionar seu corpo na cama para o sexo, ela sentia que ali, no meio da barriga, estava seu centro.

Começou a sentir as convulsões de prazer pelo simples fato de encostar suas pernas nas dele, mesmo antes da penetração, demorada que foi devido à dor, nos primeiros dias. Bastava sentir o corpo dele, e algo gigantesco acontecia, cuja magnitude conseguia mascarar a dificuldade em receber o pênis dentro de si. Aquele calor esperou algum tempo para se transformar em prazer de verdade, em avalanches de orgasmos legítimos, seguidos da plenitude de sentir que tivera o que seu ventre lhe havia prometido, lhe havia anunciado.

Aquela barriga produziu filhos, sangue, prazeres intensos.

A cada gestação seu corpo informe sofria as agruras normais ao estado, mas a promessa de segurar um bebê de novo e de novo compensavam os enjôos, a dor nas costas, o cansaço. Laura gostava da sensação de poder que a gravidez proporcionava e ria das piadinhas de que acabaria rolando ladeira abaixo, da crueldade das amigas que insinuavam que ela nunca mais ficaria magra e “normal”. O que lhe interessava era seu útero e o que havia dentro dele. Nem o sexo a interessava mais, ficava para depois, para imediatamente depois.

Ela nunca entendeu o tal repouso depois do parto, já que se sentia tão bem. Acordava pela manhã com o marido dormindo placidamente e o bebê sugando seus seios. Sentia o cheiro daquela cama desarrumada, úmida de leite. Não reclamava nem do peso do absorvente encharcado, pois tinha um fluxo intenso por muitos dias. Aquilo era sua vida, era para aquilo que havia nascido.

O crescimento dos filhos, o trabalho que davam era algo normal. Foi a adolescência deles que a abalou.

Os meninos eram dela, as meninas dele. A intimidade com os meninos era algo que fluía, sem controle, pois contavam-lhe tudo, riam com ela. Já com as meninas havia uma espécie de competição, pois tiveram que compartilhar batons, absorventes e temores. Tudo o que Laura havia temido quando menina, ela temia que acontecesse com as filhas. Seu medo de que não encontrassem alguém que as respeitasse devidamente, de que não fossem felizes não lhe dava sossego. Helena e Marisa estavam crescidas e precisavam de tanta coisa, aliás, coisas demais. Foi quando começou a trabalhar, Temia que o marido descobrisse que quatro horas do seu dia eram consumidos fora de casa.

## Capítulo II

O corpo de Laura, embora forte e saudável, estava em constante transformação. Os seios começaram a perder a firmeza lá pelos 45 anos, junto com os fogachos da menopausa. A barriga caía-lhe por cima das pernas, sempre que sentava, mesmo que a encolhesse ao máximo. Os braços doíam um pouco, certamente por causa do trabalho, afinal, limpar, cozinhar, lavar e passar todas as manhãs não representavam nada, perto do que ela fazia à tarde.

A floricultura da amiga era muito frequentada. Sua tarefa principal era cortar talos das flores e ajotá-los em baldes cheios de água. Feito isso, cabia-lhe colocar o que sobrava no lixo e limpar tudo, o que ocupava as quatro horas de seu contrato informal.

Foi de lá que um dia, ela saiu subitamente. Sem falar nada para ninguém, voltou para casa e encaminhou-se para o ato mais importante da sua vida.

O caminho até o motel foi percorrido rapidamente, sem sequer preocupar-se em pegar um ônibus. As únicas palavras que pronunciou foram as necessárias para informar-se do endereço que a chamava.

Chegou na hora exata em que o carro tão dificilmente comprado, começou a sair pelo portão. Seu andar duro levou-a à janela onde seu marido sorria, cabelos molhados, exalando aquele cheiro que ela conhecia. Era um cheiro que ela adorava e que se apresentava só após o amor dele e dela. Agora ela duvidava que fosse dele também. Nas noites em que faziam sexo e ela sentia tudo aquilo que sempre escondera, as convulsões violentas em seu ventre, sua respiração ofegante, o coração saltando do peito, Laura esperava que ele dormisse, o que acontecia quase imediatamente. Bem que seria bom que ele permanecesse dentro dela ao menos mais um pouquinho. Seria tão bom que todo aquele ardor fosse apaziguado junto dele. Aí, quando ele dormia, ela sorvia seu cheiro. Ah! O cheiro do seu homem, como era bom e como durava pouco. De manhã ela não o sentia mais.

Lá na janela do carro tudo passou pela sua cabeça. O cuidado para cheirá-lo sem fazer barulho, o enlevo com que contemplava aquele corpo que a havia possuído, a compreensão de que aquilo era responsável pelo prazer do seu ventre, pelos filhos que ela amamentara com tanto gosto, pelo encantamento dos primeiros anos quando ela detectava aquele olhar depois da janta. Eram as noites em que fazia tudo rapidinho, tomava banho mais demorado e encontrava aquele corpo que ela não abraçava, apesar da vontade. Simplesmente ficava esperando que ele a possuísse, o que fazia com gana, com rapidez. O corpo de Laura acostumou-se com a rapidez do marido, com seu desinteresse, mas conhecia perfeitamente a técnica de como gozar logo. Sua escola foram as tardes em que procurava se conhecer, interpretando seu afã em gozar sozinha como um aprendizado para apaziguar o vulcão que guardava em sua intimidade.

A janela do carro estava aberta e a moça também sorria, cabelos molhados e a exuberância dos verdes anos em clara evidência.

Laura ergueu o braço e disparou duas vezes, só.

## Capítulo III

Laura acordou sentindo o cheiro do seu homem, claramente. Sorveu o ar, enquanto sentia o orgasmo poderoso tomar conta de todo seu corpo. As companheiras de cela falavam sem parar, incomodadas com seu comportamento.

Não era a primeira vez que ela sentia seu homem enquanto dormia e estava feliz com isso. Seus dias eram consumidos com a espera da noite, quando o marido voltava, mas não sempre. Ela tinha que esperar, assim como fizera toda a vida. E ela esperava, dia após dia que as noites chegassem e lhe trouxessem aquele cheiro de volta, aquele corpo, agora seu, disponível. Por vezes até uns carinhos e afagos ela conseguia. Isso era muito melhor do que tudo.

A única coisa que a atormentava era o cartão no buquê de rosas vermelhas que ela ajudou a arrumar com tanto capricho, lá na floricultura. Em suas lembranças, o cartão era a coisa mais dolorosa, pois era a letra dele que ela viu, dizendo palavras ardentes para uma outra mulher e isso ela não podia suportar. O cheiro que ela conhecia e amava, era sua exclusividade.

O que aconteceu depois não importava.

Data : 25/11/2014

Título : Só resta um pouco de mim...

Categoria: Contos

Descrição: Minhas coisas me acompanham por tantos anos.

Minhas coisas me acompanham por tantos anos. Elas são o que ainda tenho de concreto, porque a maior parte das pessoas da minha vida já se foi. Passo meu tempo sozinha.

Hoje apareceu a Glória, minha filha quase velha, tão velha que quase não a reconheci. Que idade você tem, minha filha?, perguntei. Não ouvi o que ela disse, mas vi que não gostou.

Eu não gosto da forma como ela olha para o armário da sala, que ela puxa pra frente e observa com uma lanterna. Não ouvi o que ela falou antes de trazer a vassoura, mas não devia ser coisa boa. Ela varre um tempo, junta tudo na pá e leva pro lixo da sacada dos fundos.

Vou atrás e acho que estou em outra casa. Está faltando tudo! Aquilo que estava lá era meu! Confusa, procuro lembrar-me do que estaria faltando. Glória tenta explicar sobre sujeira, mau cheiro e outras coisas, mas eu não consigo ouvir. O aperto no peito é doído, dá pra pegar com a mão. Como aquilo que é meu não está mais lá?

Minha filha conversa comigo por muito tempo e depois trata de ir para casa, deixando-me no meio do vazio. Era na sacada que eu tomava cafezinho, que eu regava minhas plantas. Caminhei como uma pateta pela casa, quando resolvi tomar meus remédinhos e deitar. As novelas já estavam começando. Vi pouca coisa na TV, porque a sacada vazia não saía da minha cabeça. Como eu iria dormir sabendo que de manhã eu não teria minha mesa do café? Que não teria nada para regar?

Tento ligar para Glória, mas não consigo me lembrar do número dela e não encontro o caderninho azul. Onde ele poderia estar? O que eu faria no outro dia sem o caderninho azul? Eu tinha que chamar o táxi para visitar a Maria no hospital. Faço isso uma vez por semana, porque Maria fica esperando por mim. Aquilo não é bem um hospital, Maria é quem gosta de chamar assim. O taxista é tão amigo que cobra bem pouquinho pra me carregar pra cá e pra lá. Bom era quando tinha um carro e podia fazer tudo por conta própria.

Lembro-me de que, aos poucos, os filhos passaram a buscar-me em casa, para que eu não precisasse me incomodar com trânsito e depois com os impostos e a manutenção, até que resolveram vender meu carro, chamando-o de museu. Eu vi meu carro indo embora uma manhã e nunca mais pisei naquela parte da calçada em frente ao prédio. É um pedaço de calçada que me faz mal.

Esta noite será difícil dormir. Preciso encontrar logo a tomada da luz, porque vou levantar, fazer xixi de novo e esquentar água para um chá. Pode ser que depois eu descanse. Aquela chaleira vem me acompanhando há tanto tempo. O chiado da água fervendo eu ouço mesmo estando longe, e aí fico animada. Ou faço um café, ou faço um chá. Chimarrão eu não faço mais, porque pra isso é necessário ter companhia. E companhia é coisa rara e tão rápida. Não dá tempo de grandes rituais, do tipo cevar um mate.

Sento-me um pouquinho, mais por causa da tontura, e passo os olhos pela parede do corredor, que enxergo da cozinha. Lembro-me bem de quando pinteí aqueles quadros. Os mais bonitos eu vendi, tendo que entregá-los, o que era difícil. Eu tinha dificuldade em me separar deles. Vou olhar mais de perto, confiro a assinatura, que é minha mesmo. O que está faltando é o cheiro de tinta, que já se foi, com o tempo, que também levou o cheiro dos filhos. Cheirar dentro de guardarroupa não adianta mais. Tudo tem cheiro de nada. Minha filha diz que tem cheiro ruim.

Deixo a xícara macerando o chá e vou olhando as fotos, os vasos, os livros. Passo a mão por tudo, como se, com o meu toque, aquilo tudo voltasse a ter vida, como se eu pudesse ouvir de novo os barulhos das crianças, o riso do meu marido. Quando volto à cozinha o chá está frio, mas ficou bem saboroso. Bebo com gosto e deito-me de novo. Quando estou quase dormindo lembro.

Minha sacada foi brutalmente esvaziada! E agora? Eu não sei a que horas dormi, mas acordei bem descansada.

Lembro-me de haverem me proibido de tomar banho sozinha, só quando alguém estivesse por ali. Eles têm um medo exagerado de que eu caia. Eu sempre me cuido muito bem, mas eu não quero ver as caras contrariadas de pessoas que agora pensam mandar em mim. Lavo o rosto, passo meu creme de alface, escovo os dentes e vou ao quarto trocar de roupa.

Onde será que está meu vestido verde? E os outros? De quem são esses que estão pendurados no meu guarda-roupa? E, olhando bem, como aquele guarda-roupa veio parar aqui? E a minha cama? Confusa, tento me organizar vestindo aquele vestido que encontro na cadeira, mas o cinto não está junto. Penso no café e vou à cozinha, já sentindo o cheirinho do café que faria.

Agora sim, tudo no lugar: a chaleira chiando, o bule e o coador a postos, café dentro do coador. Passo o café e levo um susto por estar fazendo um bule cheio. O que eu estava fazendo? Será que pensei que ainda tivesse tanta gente em casa? Bom, agora estava feito. Pego o pão e a banana. Abro o pão e coloco a banana descascada dentro dele e passo tudo para uma bandeja. Ah, aquilo era muito bom!

Abro a porta da sacada, viro-me para pegar a bandeja e percebo que tudo está diferente. E a mesa? E as cadeiras? E as plantas? Volto à cozinha e sento-me para ver se entendo o que está acontecendo. Ouço a porta da frente se abrir. Como poderia se abrir se estava chaveada? Aí vejo minha filha, já meio velha, entrando na cozinha.

Quando eu havia dado uma chave da casa para ela? E pra quê? Logo tive a resposta:

– Manhê, tudo bem? Vim esvaziar o armário da sala, porque vem um novinho pra ti – Olho para ela e não vejo nenhuma dúvida no seu rosto. Ela está convencida de que tirará meu armário da sala e trará um novo, ou não, assim como não trouxe outro carro.

Acho que ela viu que eu não gostei, porque não para de me abraçar e explicar sobre os cupins, sobre a poeira. Diz até que vai ser melhor pra mim. Aproveito pra perguntar onde foram parar meus vestidos, e ela responde que não tirou nenhum vestido, que tudo o que está lá é meu há tempo.

Vejo meus pratos, travessas, caixinhas, álbuns, tudo sendo colocado no sofá. Estou sem forças para falar. A campainha toca e entram dois senhores perguntando-me se está tudo pronto. Volto-me para dentro da sala e pergunto à minha filha com os olhos o que devo dizer a eles, e ela, alegremente, chama os dois e diz que podem levar.

O armário é erguido com dificuldade, carregado para fora da casa, depois para a calçada e da calçada para uma caminhonete. Eu estou parada em um pedaço de calçada, enquanto meu armário vai embora. Eu sei que ali não conseguirei mais pisar e, pensando bem, eu não quero mais pisar em lugar algum.

Data : 04/04/2012

Título : Uma vida miserável

Categoria: Contos

Descrição: Este é meu ingresso no mundo da ficção.

Carlos era homem de beleza inegável. Garçon desde menino, chamava a atenção da clientela dos bares por sua gentileza e porte aristocrático.

Casou aos vinte e quatro anos, com Judith, menina ainda, cujas características principais eram a timidez e desmazelado na aparência. Judith, embora fosse linda, nunca o soube por inteiro, dado ao fato de que sempre foi desqualificada pelas pessoas. O padrasto, apaixonado por sua mãe, jamais a viu de verdade. Gata borralheira por vocação trabalhou calada durante anos em um bom colégio de freiras, lugar que a acolheu a pedido de sua mãe, desde que pudesse estudar ali.

Judith trabalhou muito durante a sua infância. A escola proporcionou-lhe certo grau de cultura, ofuscado pela falta de interesse, coisa tão do jeito dela. O desinteresse por sua própria pessoa produziu uma personalidade taciturna, porém, não chegando a ser infeliz.

Esse perfil anulado da mulher encorajou Carlos a levar uma vida sem regras, como sempre havia feito, afinal, ela não teria energia para questioná-lo por nada. A bebida e as mulheres, abundantes em seu mundo, poderiam continuar acontecendo sem perigo. Carlos sempre soube qual o tipo de mulher de que precisava.

Judith apaixonou-se por Carlos à primeira vista e com tal intensidade que as noites partilhadas com o marido, boêmio e alcoólatra, foram motivo de um embevecimento cego. Sua trajetória com ele foi algo devastador.

Por outro lado, Carlos não poderia imaginar alguém olhando para a sua menina tão bonitinha, motivo pelo qual a vigiou e a torturou com comentários desconfiados, até quando era internada para que nascessem os filhos. A espinha dobrada de Judith era tão notória que, com o tempo, passou a caminhar de cabeça baixa, aterrorizada de medo de ser repreendida por algo que nem tinha feito. Carlos deixou claro a sua posição com respeito ao comportamento mais adequado para Judith, que, somado à sua índole desleixada, produziram um fantasma, arremedo da mulher com a qual se casou.

Carlos amava a mulher, mas, segundo ele, a vida noturna tinha seu preço, afinal, um homem bonito e charmoso tinha lá seus direitos. Compartilhar remédios com Judith era coisa necessária naquelas circunstâncias. Nem sempre seus desmandos com mulheres ficaram sem consequências e as doenças que trouxe para casa foram encaradas como normais por ele e com aparente indiferença por ela. Não havia questionamento moral da parte dele, nem autoestima suficiente por parte dela, podendo-se pensar em preguiça também, já que a casa dos dois nunca foi limpa, enfeitada, nem foi um lar onde pessoas pudessem viver uma vida decente.

As noites, com o passar dos anos já não era a mesma coisa. Filhos que dormem junto com os pais atrapalham muito e os deles iam deitando aqui e ali, por não saberem direito onde eram seus lugares. Os tímidos ímpetos de desejo de Judith foram rareando, até não serem mais sentidos. O que ele viu acontecer foi que a linda figura de sua mulher tornou-se a de uma mãe de peitos caídos e pernas com varizes. O silêncio tornou-se uma constante naquela casa. Ver Judith de cabeça baixa, falando baixinho pra não incomodar ninguém era algo esperado e trazia certa tranquilidade com relação à fidelidade dela.

À medida que os filhos iam crescendo, uma espécie de revolta passou a fazer parte do cotidiano. O filho mais velho se parecia com a mãe e marcava calado sua presença. O fato de não sair do lado do pai fez com que Carlos o castigasse, fazendo-o trabalhar como um mouro em uma oficina mecânica perto de casa. Foi a forma eficaz de manter a presença fantasmagórica do menino, ainda imberbe, longe o suficiente para que não o molestasse. Já o segundo menino chegou bonito, porém indiferente a ele. Foi estranho constatar que, fizesse o que fizesse, o filho o ignorava completamente.

Nunca se arrependeu da surra dada naquele menino calado, quando o encontrou no porão junto a outros meninos em atitude a seu ver suspeita. Ter um filho fresco era coisa totalmente descabida. A surra deve tê-lo curado, pensou. Nunca mais o viu em companhia de ninguém.

Encontrava-o vagando pela casa, quando não pendurado na mãe. Nunca o preocupou o fato de vê-lo sentado pelos cantos da casa, desmontando coisas e montando-as de novo.

Aparentemente, era o que aquele menino sabia e queria fazer.

Na casa de Carlos e Judith não havia sorrisos, nem fins de semana, nem festas de aniversário, nada. Nada melhorou com a chegada da única menina que tiveram, herdeira incontestada da beleza e da índole da mãe. Ela nunca abriu a boca para nada, nem quando, anos mais tarde, encontrou o marido e se casou. Carlos sabia que a menina, mesmo pequena, já havia entendido tudo, portanto, ela manteve-se quieta e só observou os acontecimentos se desenrolarem inexoravelmente.

A virada da vida de Carlos foi dada por Santa, uma mulher exuberante e conhecedora das fraquezas dos homens. Ela começou a conversar com ele e o acolheu em seu apartamento como se isso fosse a coisa mais natural do mundo. As noitadas tórridas, regadas a litros e litros de uísque, produziram manhãs que eram um desastre, com o apartamento desarrumado, roupas pra todo lado, dores de cabeça infernais. O telefone, às vezes tocava implacável. Os filhos de Carlos sempre achavam de telefonar nas horas mais impróprias e sempre, sempre choramingando de fome. Pior era no fim do mês, quando a luz e a água eram cortadas. Santa dizia, frente a irritação

dele, que era assim mesmo e alcançava os trocados de que ele precisava para calar a boca dos filhos.

À época, não passava pela cabeça de Carlos qualquer sentimento com relação a Judith, que não fosse o medo de que ela, por milagre, encontrasse outro homem. O tempo de Carlos passou a ser dividido entre curar a ressaca da manhã, a vigilância aos passos que Judith dava, o trabalho de garçom cada vez mais escasso e as longas noites com Santa.

Uma madrugada, Carlos acordou sentindo-se mal. Deu culpa à bebida e ao enorme esforço que fizera para satisfazer aquela mulher tão exigente, porém, depois de um tempo, suspeitou de que algo mais sério estivesse acontecendo.

Levantou-se e, em frente à janela, sentiu que aquele suador não passaria, mesmo com o vento que procurou como alívio. Subitamente, sentiu aquela dor no peito que o fez desfalecer.

A sucessão de acontecimentos, após o enfarte, era coisa nebulosa e indefinida para Carlos, até o momento em que uma funcionária do hospital o procurou, perguntando sobre seu endereço e o nome de algum parente. Imediatamente lembrou-se de Santa, mas ignorava o sobrenome dela e não conseguiu lembrar o lugar exato do seu apartamento. O hospital atribuiu-lhe falta de memória por conta do estado em que se encontrava, mas, decorridos alguns dias sem que recebesse nenhuma visita e com uma melhora na saúde suficiente para obter alta, insistiram no interrogatório sobre a sua identidade.

Nos dias seguintes, a sua rotina transformou-se em pesadelo. Compartilhava de novo da sua cama de casal, mas, o que encontrou nessa cama foi uma mulher ressentida, conformada, sem viço e oito gatos dorminhocos e cheios de pulgas. Os filhos eram criaturas educadas, mas indiferentes. Sempre que necessário, mesmo a contragosto, ajudavam a carregá-lo de lá para cá e até faziam um esforço por entender sua fala arrastada.

Um dia, acordou com dificuldade para respirar. Tinha consciência de que Judith estava na cozinha tomando chimarrão com aquele ar distante e pensativo, alheia ao mundo. Esforçou-se para emitir algum som, mas não conseguiu. Os gatos olhavam pra ele e, estranhamente, começaram a sair do quarto. Seu último pensamento foi o de que a vida tinha sido injusta com ele, justamente com ele.

Judith o enterrou cantando bem baixinho a música que ele gostava; depois, sentou-se calada e assim permaneceu. De quando em quando a ouviam cantando e sorrindo com malícia, como a dizer que agora o marido era dela. Ela mal percebeu o resto de sua vida miserável.

Data : 13/04/2011

Título : Vida nova, casa nova

Categoria: Contos

Descrição: É um episódio da vida de uma mulher que deixou um espaço aberto, permitindo uma intrusão que mudou tudo.

Vida nova, casa nova

Peguei meu casaco e saí. Não havia mais condições de permanecer naquela casa que sempre foi minha. Eu a havia idealizado, construído, cuidado e havia dado vida àquelas paredes.

Não podia permitir que uma situação fora do meu controle me deixasse naquele estado desesperador. Minha amiga conseguiu seu intento e entrou para a minha vida em definitivo, e eu permiti, ingenuamente, que ela viesse, tomasse um lugar de destaque e ficasse instalada confortavelmente, tanto na casa, quanto se imiscuiu na nossa intimidade.

Sempre fomos amigas, grandes amigas. A morte de seus dois filhos, que seguiram-se à morte do marido, deixaram Ângela em frangalhos. Viu-se sozinha em casa, tomada pela dor e eu, condoída e solidária, convidei-a a passar alguns dias conosco.

Ela veio, não falava nada, mas ocupou um espaço excessivo, o que incomodou minhas filhas. Encontravam calcinhas, absorventes, compartilhavam shampoos, sabonetes e toleraram toalhas molhadas jogadas no banheiro.

Aos poucos ela foi saindo do marasmo, passou a frequentar o consultório de uma psicóloga e tornou-se uma palpiteira das boas.

Eu tinha meu trabalho doméstico, fazia a comida, arrumava tudo, fazia com que, todas as semanas, a faxineira desse uma geral na casa, coisa que funcionava muito bem.

À tarde eu digitava trabalhos acadêmicos, o que rendia um bom dinheiro para minhas necessidades femininas e eu estava feliz com isso.

Um dia encontrei Ângela sentada ao computador, digitando a uma velocidade incrível e fazendo o meu trabalho com uma eficiência espantosa. Eu andava cansada e achei normal o alívio de delegar alguma coisa a ela, afinal, ela precisava se distrair. Só que ela não parou mais. Não reivindicava dinheiro, não cansava, entretanto, o espaço que era meu passou a ser dela, o trabalho que era meu, ela havia usurpado.

Um dia ela vestiu distraidamente meu robe mais bonito e ele ficou mais bonito nela, reconheço. Pedi que ela o devolvesse, o que fez sem nenhum constrangimento.

Foram dois meses de uma corrida por meu lugar, por minhas coisas, por meus queridos, que, encantados, estavam completamente rendidos aos encantos daquela mulher completamente talentosa e encantadora.

Ela mantinha conversas interessantes com as meninas, que a escutavam embevecidas, e passaram a ouvir de dores de perdas, a relatos cada vez mais interessantes sobre viagens, conquistas, glamour e charme.

A casa agora estava inundada de perfume, de ruídos de saltos altos, de comidas cheirosas que ela preparava para agradar ora um, ora outro. Meu marido era atendido em seus desejos de pastéis de Santa Clara, quindins e guloseimas difíceis e evitadas por mim, dado o trabalhão que dão. Estavam todos no céu. As tardes eram preenchidas por idas a shoppings, sacolas, risadas e minhas filhas a tiracolo. Bem que eu tentava fazê-las estudar, adolescentes que eram, mas a sedução da minha amiga era sempre mais forte do que eu.

O marido de Ângela morreria de uma doença hereditária e os filhos herdeiros da moléstia morreram do mesmo jeito, motivo pelo qual ela alardeava que casaria de novo, mas não teria mais filhos, a não ser que o novo marido fizesse exames específicos para detectar possíveis moléstias mortais. Sorte tinha eu, segundo ela, com filhas tão saudáveis e um marido forte e trabalhador.

Um dia, aproveitando a ausência dela, falei à minha família que estava na hora de Ângela arrumar um canto pra ela, para que voltássemos a ter a vida de antes. Ouvi os protestos óbvios, de que estavam se divertindo, ganhando presentes, comendo iguarias que eles nem conheciam. Falaram inclusive das conversas estimulantes que estavam tendo com a hóspede.

Eu passei a ser a governanta, juntadora das bagunças, espectadora das conversas, mas ser ignorada por todos, eu não podia agüentar. Arranjei um emprego rapidinho, levantava cedo, me arrumava e a casa saiu do meu controle.

Chegava à noite, casa arrumada, jantar servido, e Ângela no comando, coisa comum. Ninguém falava comigo, ninguém perguntava como fora meu dia.

Um dia, ao chegar ao trabalho, soube que houvera intervenção da polícia federal, por questões que não entendi direito, meio ausente que sempre fui e, logo depois, voltei para casa no meio a tarde. Entrei e encontrei a casa impecável e Ângela assistindo TV deitada na minha cama. Ela chorou muito quando a convidei a retirar-se da minha cama, da minha casa, da minha vida. Disse que conseguira, graças ao carinho de todos, recuperar-se das perdas, conquistara duas filhas e morreria sem isso.

Esperei que todos voltassem para casa e relatei o acontecido, sabendo de que Ângela estava deitada e chorando copiosamente.

Todos protestaram e pediram-me que tivesse paciência, afinal ela gastava um bom dinheiro em cosméticos, presentes, agrados. Perguntei se eu deveria fazê-los escolher entre mim e ela. Responderam que eu fizera uma pergunta impossível de responder.

O fato de pegar meu casaco e sair no meio da noite não abalou ninguém. Hospedei-me em um hotel e no outro dia atendi a um telefonema do meu marido. Ele relutou em dizer que seria pai de novo e que eu sempre teria um lugarzinho naquela casa, era só querer voltar.

Hoje sou uma advogada bem sucedida, recebo a visita das minhas filhas, que não suportam mais aquela mulher autoritária, aquela criança malcriada, o xodó do papai e esperam que eu as convide a morar comigo. Meu novo marido não quer compartilhar nossa casa com ninguém. Fazer o quê?